

A REALIDADE, JUNTAMENTE COM O CORAÇÃO, É A NOSSA GRANDE ALIADA

*Apontamentos da Jornada de Início de Ano
dos Liceus com Julián Carrón
Milão, Basílica de São Marcos, 4 de outubro de 2015*

Cantos: *Ballata dell'amore vero
La strada*

Alberto Bonfanti. Bem-vindos a este gesto com que iniciamos juntos um novo ano. Cumprimento todos vocês, aqui presentes, agradecendo de coração ao pároco, Pe. Luigi Testore, pela hospitalidade nesta igreja tão bonita, e cumprimento todos aqueles que estão ligados connosco. Há 32 ligações em Itália e oito no exterior: de Lugano e de Friburgo, na Suíça; de Barcelona e de Madrid, em Espanha; da Lituânia, da Grã-Bretanha, da Irlanda, de Portugal. Diz-nos Dom Giussani, de forma provocadora, e recordou-nos o Davide Prosperi no sábado passado, na Jornada de Início de Ano dos adultos: “O dia mais belo da semana é a segunda-feira, porque às segundas-feiras se recomeça, recomeça o caminho, o desígnio, recomeça a atuação da beleza, da afeição” (cf. L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Milão: BUR, 2002, p. 31). Também nós recomeçamos cheios da beleza que vivemos nas férias e que muitos de vocês atestaram; das perguntas que os acontecimentos fizeram surgir, por vezes de modo dramático; do desejo de comunicar aos nossos colegas esta beleza que vivemos; mas também, para alguns, do medo de perder esta beleza dentro da rotina do dia a dia, que às vezes parece sufocar todo o desejo. Dentro de tudo isto, o desafio que tu Julián – agradecemos-te, porque nos acompanhas também neste início –, nos lançaste no Tríduo Pascal, a partir do qual nos convocamos e já dialogamos com alguns de vocês em Cervínia juntamente com o nosso amigo Davide, é mais do que nunca atual: “A realidade, juntamente com o coração, é a nossa grande aliada”. Juntamente com o coração, ou seja, juntamente daquele desejo de felicidade, de verdade, de beleza que não podemos arrancar de nós, a realidade é a nossa aliada. Dos vossos contributos surge um empenho sério em verificar este desafio e em acertar as contas com as perguntas que nascem dessa verificação. Escolhemos algumas intervenções, algumas perguntas para nos ajudar nesta nova aventura que se abriu para cada um de nós, certos da positividade do que nos espera. Leio eu a primeira pergunta, porque a pessoa que a mandou prefere assim; parece-nos importante pela questão que põe.

“Em relação à Jornada de Início de Ano, no *Raggio* aparecem frequentemente intervenções em que se diz que, em ambientes como os desportivos ou numas férias sozinho, por exemplo, a realidade se torna imediatamente como que vazia de sentido. A isto normalmente se responde dizendo que até essa realidade, se olhada até o fundo, é uma possibilidade para entender mais e para viver o que dizemos nos Liceus. Eu vivo uma situação familiar complicada. Parece-me que, nas circunstâncias em que vivo quotidianamente, há continuamente um vazio de sentido que é preenchido ocasionalmente nas experiências de CL. Isto muitas vezes me irrita, porque, quando estou mal, normalmente por causa de atritos familiares, como disse, fico ainda mais intensamente mal, porque sinto saudades dos momentos de vida autêntica vividos; tanto assim é que, paradoxalmente, preferiria não ter conhecido os Liceus para me abandonar à ideia dos meus pais: de que não há nada. Contudo, entendo que esta posição não me corresponde, porque eu sou exigência de significado, e então a minha pergunta é: como é possível que este vazio possa ser preenchido sempre na minha vida?”

Julián Carrón. Boa tarde a todos. Estou particularmente contente por podermos continuar o caminho juntos, porque, quando vos mandei a mensagem em que vos dizia que a realidade, juntamente com o coração, é a nossa grande aliada, muitos de vocês a levaram a sério, e assim

surgiram muitas perguntas. Somos companheiros de caminho por isto. A nossa companhia não é sentimental, não estamos juntos para chorar nos ombros uns dos outros ou para olharmos uns para os outros. A nossa companhia é para ver se aquilo que dizemos nos ajuda a entrar no real. Se não nos ajuda a viver, se não percebemos o estarmos juntos, o pertencermos a esta amizade como pertinente às exigências da vida, como sempre nos disse Dom Giussani, mais cedo ou mais tarde esta companhia já não nos interessará. Quando, pelo contrário, a pessoa a leva a sério, começa a ver o quanto as coisas que nos dizemos podem ser pertinentes às perguntas que a vida nos põe, às perguntas que brotam no nosso coração, como diz a carta que o Albertino acabou de ler.

Gostaria de começar esclarecendo o que significa para mim a palavra “aliada”. Na nossa imaginação, muitas vezes pensamos que uma coisa é uma aliada por tirar mecanicamente as dificuldades da vida; por isso, quando as coisas não correm assim, quando os problemas não se resolvem mecanicamente, dizemos: mas então como é que a realidade pode ser uma aliada? Esta pergunta faz-nos iniciar um caminho. E, logo aqui, a realidade mostra-se uma aliada, porque faz emergir o nosso eu, as nossas perguntas, a nossa razão, a nossa liberdade; ajuda-nos a perceber que não há nada de mecânico, de automático no homem. Porque tudo passa através da liberdade; tudo é uma possibilidade, como diz a carta, diante da qual se joga a nossa liberdade. A realidade pode ser entendida simplesmente como vazia de sentido ou, se olhada até o fundo, diz a nossa amiga, como uma possibilidade para perceber mais. A realidade é uma coisa vazia de sentido ou uma possibilidade? Quem poderá descobri-lo? Talvez quem não pensa em nada? Não. Quem arrisca, quem corre o risco de verificar se, naquilo que percebo como desprovido de sentido, há uma possibilidade que não imagino e não intuo. E então as circunstâncias começam a tornar-se aliadas porque nos provocam, tornam-se para nós uma provocação. Mas tenho de decidir: vazio de sentido ou possibilidade? Quem poderia pôr a mão no fogo que a realidade é absolutamente desprovida de sentido? Eu desafio-vos! Têm que levar a sério as vossas perguntas. Quem pode estar tão seguro de que aquilo que em determinado momento nos parece desprovido de sentido realmente o é? Quantas vezes já vos aconteceu na vida, apesar de serem ainda jovens, descobrir como reais as possibilidades que não vos tinham passado nem sequer pela entrada do cérebro? Que ajuda nos dá Shakespeare quando diz: “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia” (cf. W. Shakespeare, *Hamlet*, ato I, cena V)! Como podemos descobri-lo? Só se aceitarmos como uma provocação positiva as circunstâncias pelas quais a vida nos faz passar. Por que é que isto é decisivo? Por que é que temos necessidade disto? Porque a experiência elementar do homem – ou seja, aquela estrutura que trazemos connosco desde o nascimento, feita de evidências e exigências de verdade, de beleza, de bondade, de felicidade – precisa de uma provocação para se despertar. É preciso uma provocação que venha de fora de nós para despertar o nosso eu, para nos arrancar do nosso torpor, em que tantas vezes caímos. Dom Giussani, com efeito, dizia-nos que a “experiência humana original”, ou seja, aquilo que nós somos, aquele conjunto de evidências e de exigências pelos quais eu sou um homem, “não existe ativamente, senão dentro da forma de uma provocação. [...] Quer dizer, dentro de um modo em que é solicitada” (cf. *Dall’utopia alla presenza: 1975-1978*, Milão: BUR, 2006, p. 193). Portanto, o problema verdadeiramente radical é que haja uma provocação tal, que favoreça a percepção de mim mesmo como um eu que deseja tudo. São certos encontros, certas circunstâncias o que coloca em ação a nossa consciência, a natureza original do nosso eu. Vocês veem isto quando gostam de uma pessoa: naquele momento começa a manifestar-se todo o vosso eu, com todas as suas exigências, com toda a sua capacidade de vibrar diante de um desconhecido que vos atrai, vos solicita e vos provoca com a sua presença, com a sua beleza; não há nenhuma possibilidade de eliminá-lo, de tanto que os faz ser vocês mesmos. O outro provoca-nos a sermos nós mesmos. A mesma coisa acontece em cada circunstância. As circunstâncias são provocações que despertam o teu eu, a tua exigência de entender, de descobrir o significado de tudo; despertam-te perguntas. E só quem leva a sério essas perguntas, só quem vê surgir em si essas perguntas, é que é capaz de captar a resposta. Com efeito, só quando temos perguntas é que somos capazes de captar as respostas. E, se a pessoa que escreveu a carta prestar atenção, perceberá que naquilo que vive já há um início de resposta: reconhece ter vivido momentos de vida autêntica, e

justamente por isso experimenta uma saudade daqueles momentos. Não é que não lhe tenha acontecido nada, viveu momentos de vida autêntica dos quais sente uma saudade que não consegue tirar de si; mas depois, diante das dificuldades da vida, preferiria nunca tê-las vivido e abandonar-se à ideia dos que a rodeiam. É preciso decidir, meninos! Têm que escolher: estar disponíveis a ceder ao que viram com os próprios olhos, ou seguir aquilo que vos dizem os outros. Querem viver a vossa vida ou preferem que alguém a viva em vosso lugar? Se não começarem a decidir viver, sempre haverá alguém que vos vai dar a volta. Têm que decidir, porque viveram momentos de vida autêntica, viram-nos com os próprios olhos, sentiram-nos vibrar nas fibras do vosso ser. E, se alguém te disser – como na música *Barco Negro* (música de Caco Velho e Piratini, letra de D. Mourão-Ferreira) – “são loucas”, tu respondes: “Tu é que és louco, tu é que és! Eu estou realmente certa do que me aconteceu”. Por que é que estás tão certa? Se prestarem atenção a vocês mesmos, vão encontrar a dica da resposta: porque o que os outros lhes dizem não te corresponde como aquilo que te aconteceu. “Entendo que esta posição”, diz ela, “não me corresponde, porque eu sou exigência de significado”. Então decidam! A vida não vos maltrata, e vocês não são uns coitadinhos que nunca viram nada de realmente claro, vivo, atraente, fascinante; viram e viveram, tanto é verdade que, se os outros vos dizem “são loucos”, isto não vos corresponde, porque vocês são exigência de significado. Veem como a realidade é uma aliada? Mas isto não é mecânico, porque é preciso que cada um ceda à provocação da realidade; assim poderei ver surgir, diante dos meus olhos, o que é a realidade, o que sou eu e qual a promessa que a realidade me oferece para a realização do meu eu.

Este verão foi um dos mais significativos para mim. Consegui manter presente aquela promessa, aquele encontro que tive e que volta a acontecer quando estou nesta companhia. Graças às nossas férias e às férias dos adultos, dei-me conta, cada vez mais, de que a realidade não é minha, mas é para mim; entusiasma-me pensar que, o que quer que aconteça, a realidade sempre estará lá. Tudo muda, porém, com a forma como te colocas diante dela. É este o meu problema, porque, na Equipe dos Liceus, o Davide Prospero nos disse que voltar com perguntas é um bem, mas eu tenho uma pergunta sempre presente que me assusta: como posso manter tudo isto? Como posso continuar a viver com esta consciência de que a realidade é para mim? Eu sabia que, depois da Equipe e depois de um verão tão verdadeiro, eu não conseguiria mantê-la, e para evitar isto eu mergulhei em tudo o que estava a fazer, sobretudo nas atividades dos Liceus, porque é a única companhia que me ajuda, como dizia o Prospero, a carregar o fardo da minha humanidade. Com o início da escola, sinto que se anulou tudo o que eu tinha construído; sabia que aconteceria, mas não pensava que iria acontecer tão cedo. Como posso conseguir não perder o meu encontro de cada vez que a realidade se põe diante de mim?

É verdade que tudo se anulou? Responde-me sim ou não.

Não.

“Não”. Não podem mentir a vocês mesmos.

Um pouquinho.

Um pouquinho, mas nem tudo se anulou, tanto assim é, que tu estás aqui a fazer a pergunta. Se tudo se tivesse anulado, tu não estarias aqui e não desejarias não ter perdido o que te aconteceu. Portanto, o primeiro dado a reconhecer é este: nem tudo se anulou, como, pelo contrário, muitas vezes achamos. É muito importante dar-se conta disto: só o próprio facto de teres feito a pergunta indica que não se apagou do teu eu aquilo que encontraste. Para vocês isto não parece quase nada, e no entanto é crucial. Porquê? Porque permanece algo daquilo que eu vi, daquilo que me aconteceu; não se pode apagar totalmente um evento da vida. É importante dar-se conta disto, porque assim começamos a já não nos assustarmos quando parece que tudo desmoronou. Quando aquele medo vos tomar, olhem-no de frente e perguntem-se: é verdadeiro ou não é verdadeiro? Não podem perder a ocasião. Quando vos surgir a suspeita de que tudo se tenha anulado e apagado, de que tudo seja uma ilusão, de que tudo tenha sido um sonho, olhem para tudo isso de frente, pondo-se a pergunta: é verdadeiro ou não é verdadeiro? Se não ajuizarem se é verdadeiro ou não aquilo que

pensam, vocês vão ter um *tilt*. Se, porém, ajuizarem cada vez que a dúvida vos assaltar, vão descobrir-se cada vez mais convencidos de que não foi um sonho, de que não foi tudo apagado. Aliás, vão perceber que, quando surgir essa pergunta, será uma ocasião para redescobrir isto novamente, para dar-se conta de quanto é consistente, de quanto dura o que vocês viram e viveram. Não devem autoconvencer-se, não devem contar parvoíces, não devem acreditar em “visões”, simplesmente devem levar-se a sério e perguntar-se: é verdadeiro ou não é verdadeiro o que eu vivi, é verdadeiro ou não é verdadeiro que o que eu vivi não foi apagado? Uma pessoa que encontrou a comunidade cristã e depois se afastou durante anos, mesmo depois de dezassete anos, como me contava um amigo, telefonou aos amigos de antigamente dizendo: “Mas vocês ainda se veem?”, “Sim”, “Eu também posso ir?”. Dezassete anos depois! “Claro, mas porquê?”. “Porque tenho muitas saudades!”. Pareceria que, depois de dezassete anos, não tivesse sobrado nada, mas aquela pessoa viu o que viu, viu que há um lugar de vida, viu que há uma experiência e viu que todas as suas tentativas feitas ao ir embora não conseguiram dar-lhe nem um minuto daquela plenitude que tinha vivido. Nós não temos nenhum problema com a realidade, não temos medo dos desafios, porque é justamente enfrentando as circunstâncias que vemos a diferença entre Cristo e qualquer outra resposta; mas só descobrirá isto quem não tiver medo de verificá-lo na realidade. Por isso, impressiona-me sempre o episódio do filho pródigo: sentia-se sufocado em casa e foi-se embora. Podia-se pensar: acabou tudo. Mas, quando se encontra no meio dos porcos, não pode evitar pensar: “Em casa do meu pai eu estava bem, e até mesmo os seus empregados vivem infinitamente melhor que eu, que estou aqui comendo bolotas com os porcos” (cf. *Lc* 15,16-17). É uma visão? É uma ilusão? É ficção científica? Não consegue esquecer a experiência vivida em casa do pai, que parecia apagada por todas as parvoíces que fez. Aquela experiência tinha sido totalmente anulada, como disse a nossa amiga? Não, justamente porque, quanto mais se afastou, mais lhe veio uma saudade louca de casa. Deus não lhe mandou um anjo para dizer “Coitadinho!”. Das vísceras do seu eu jorrou um desejo de felicidade e de plenitude: “Eu aqui vivo como um porco, quando poderia viver como um filho”; e tudo se repropõe com ainda mais intensidade que no início: se o cristianismo fosse só uma invenção para aqueles que não provaram nada na vida, depois de ter provado tudo, a pessoa deveria ficar realmente convencida de que tudo acabou. Mas, justo naquele momento, repropõe-se tudo com mais potência ainda. Depois de termos verificado todos os nossos sonhos, todos os atalhos que imaginamos para atingir mais depressa a nossa felicidade, justo naquele momento se mostra toda a diversidade do cristianismo. E então perguntamo-nos: a única alternativa é fazer asneiras? Ir-se embora por dezassete anos? Não, há outra possibilidade: quando uma pessoa sente esta tentação, pode olhá-la de frente, como eu dizia antes. Com o que me aconteceu e que não foi totalmente anulado, ainda posso estar em jogo neste novo início. As circunstâncias são dadas para que, jogando-te nelas, tu possas tornar-te cada vez mais certa. A vida cristã é só para os audazes. Se preferem uma vida fácil, vão procurá-lo noutra sítio. A experiência cristã é só para quem tem o desejo de viver uma aventura na qual não falamos de parvoíces e constantemente somos convidados a verificar o que nos dizemos. Mas, para verificá-lo, é preciso estar sempre de novo em jogo, porque estamos num lugar que constantemente nos relança, nos acompanha, responde às perguntas, E, assim, a vida torna-se outra coisa.

No fim do verão, dei por mim com uma vontade louca de voltar à escola, porque, pela primeira vez, senti a exigência de verificar se a beleza e a felicidade que tinha vivido durante as férias dos Liceus e no Meeting faziam realmente parte da realidade, uma realidade que, para mim, inclui em primeiro lugar a escola. Se é verdadeiro o que eu vivo nesta companhia, deve sê-lo em cada circunstância, de forma a sentir o desejo de estar sentada na frente do meu professor com o mesmo coração aberto com que estou durante um passeio na montanha. Desde que começou a escola, estou a dar-me contas de que a estou a viver com o coração aberto. Apercebi-me disso quando comecei a sentir a necessidade de, no fim da aulas, sair da sala e ir contar a minha manhã a uma amiga dos Liceus, a ela como à minha companhia. E tudo isto me parece muito bonito, porque finalmente estas duas realidades que eram distintas, a escola e os Liceus, agora são uma só coisa,

e sinto que, sem o apoio e sobretudo a presença dos meus amigos, esta realidade que agora sinto como aliada e próxima seria separada e adversa. Este início escolar, além disso, suscitou em mim diversas perguntas, sobretudo sobre a relação com a minha colega de carteira, que, de cada vez que acabava uma aula a meu ver ótima, me mostrava a sua reação apática e entediada, a ponto de fazer-me pôr em dúvida o que eu tinha acabado de viver. Inicialmente pareceu-me um limite, mas justamente nisto dei-me conta de que não o devia ser e que antes tinha de ser algo do qual partir, um desafio. Então perguntei-me, e ainda hoje me pergunto, como é possível que ela, que tem um coração como o meu e que vive a mesma realidade escolar, não consiga ver no que vivemos aquilo que eu vejo.

Na tua opinião, porquê? Qual é o ponto de partida para responder a essa pergunta, quando vemos que nós temos uma série de exigências que, às vezes, os outros não reconhecem como exigências suas, ou quando nós vemos certas coisas que os outros têm dificuldade em reconhecer? Qual é o ponto de partida para responder a tais questões?

A minha experiência.

Muito bem! A tua experiência! A tua experiência! Há alguns anos, um estudante universitário perguntou a Dom Giussani algo parecido: e “Se [...] me dirijo ao outro, ao colega que encontro na universidade, e ele a um certo ponto me diz: ‘Olha, essa é uma necessidade tua, mas não é uma necessidade minha?’”. Dom Giussani respondeu-lhe: “Quem te responde assim está anestesiado. Porquê? Como é o podes saber? Tu sabes o que há no coração do homem, porque existe em ti [...]. E tu percebes que o outro não percebe aquilo que tu percebes, porque está bloqueado, anquilosado, paralisado” (cf. *L’io rinasce in un incontro. 1986-1987*. Milão: BUR, 2010, pp. 364-365). Em ti, foram despertadas certas exigências num determinado momento da tua evolução humana, do teu percurso humano, porque aconteceu algo, porque te aconteceu um encontro, algo que as despertou em ti. Então, tu não deves julgar a tua colega, simplesmente deves esperar que ela tenha a possibilidade de descobri-lo, como aconteceu contigo. É este o alcance da nossa experiência: como é que essa tua colega pode ser desafiada a descobri-lo? Só se, antes de mais, tu responderes às necessidades que tens, como dizias no início, de verificar se a beleza e a felicidade que tinhas vivido nas férias ou no Meeting fazem realmente parte da realidade, “se é verdadeiro o que eu vivo dentro da companhia”. Tu tens necessidade disso em primeiro lugar por ti, não só para responder à tua colega. A primeira questão somos nós. E, justamente porque respondes a ti mesma, poderás mostrar à tua colega qual é a novidade que Cristo introduz no modo de viver o real. Tu desafia-la vivendo o que te aconteceu; verificando o que te aconteceu, estás a desafiá-la: “Vês como é possível viver de modo diferente o estudo, viver a relação com as colegas, viver as dificuldades, viver o cansaço, viver o quotidiano que nos esmaga?”. E então percebes o método de Deus, que é o mesmo de sempre: Deus dá a graça a uma pessoa para que ela chegue a todos, dá-a a ti para que a comunique a todos os teus colegas. E não tens que fazer sabe-se lá que discurso nas aulas, deves simplesmente viver, de modo que os outros possam ver qual é a novidade que Cristo introduz na vida. Não o vão descobrir porque tu dizes por palavras e o explicas; porque, se não o virem em ti, no modo como tu reages às coisas, não poderá surgir neles a pergunta: “Por que é que tu vives assim? De onde nasce essa tua novidade? De onde nasce o facto de que tu entras na sala contente e que, tendo que lidar os nossos mesmos desafios, tu os vives diferentemente? Por que razão tu nunca te cansas de recomeçar?”. Estas perguntas oferecem-te a oportunidade de responder. Os teus colegas têm as tuas mesmas exigências, mas precisam, como dizíamos antes, de uma provocação adequada para descobrir todas as possibilidades da vida que ainda não conhecem. E tal como o Senhor te deu isso a ti, a dada altura o dará a eles também. Espanta-me sempre o espetáculo do respeito de Deus pela liberdade de cada um de nós: em vez de te irritares com os teus colegas, ou de ficares confusa porque eles não entendem, pensa em Deus que bate à porta sem descanso e que espera a nossa resposta como um mendigo. Eu desafio-vos a encontrar alguém que ame assim tanto a vossa liberdade, que ame assim tanto a liberdade dos vossos colegas. Nós não podemos amar a liberdade dos nossos colegas menos do que Deus a ama.

Este verão, sofri um grande golpe afetivo. O que me marcou particularmente é que essa relação se tinha tornado para mim a ocasião principal que Cristo usava para me encontrar, para fazer-se presente no meu dia, mudando-o para melhor e tornando-o pleno. Quando essa relação se interrompeu, o rompimento para mim foi muito doloroso, quer emotivamente, quer porque me senti traída por Ele.

Por quem?

Por Cristo. Apesar da ferida profunda, pedi ajuda aos meus amigos mais queridos que, simplesmente estando comigo, me ajudaram a enfrentar a situação. Diminuída a emoção, pus-me a fazer um balanço do que me tinha acontecido, e percebi que a realidade, apesar da dor, tinha sido minha aliada, porque as relações com os meus amigos e com os meus pais tinham crescido nesta situação; mas, acima de tudo, a minha relação com Cristo tinha renascido. Na dor eu tinha decidido conscientemente não recitar as Laudes, e este “não” a Ele era a prova de que tinha nascido em mim a consciência de depender d’Ele; porque, se lhe digo não, quer dizer que Ele tem alguma substância.

Veem como permanece?

A minha pergunta nasce com o início da escola; o quotidiano está a esmagar-me, está a achatar-me numa apatia que não me está a deixar viver aquela relação com Ele que se tornou vital para mim, e é uma coisa absurda. No momento em que eu estava mal, conseguia viver essa relação num certo modo, e agora, no dia a dia normalíssimo que eu sempre vivi, não aguento mais e para mim isto é absurdo. Não saber como vê-Lo, como encontrá-Lo no meu dia está a deixar-me confusa. Sei que preciso d’Ele, porque vi que, na dor, a relação com Cristo transformou a minha ferida numa ocasião para mim; mas, se agora, na banalidade quotidiana, já não consigo captar a Sua presença, basta um nada para me derrubar. Como é que faço para captá-Lo durante o dia? E, sobretudo, como é que faço para chegar a uma constância nessa relação com Ele que resista às circunstâncias?

O que me espanta é, em primeiro lugar, esta tua afirmação: “Na dor eu tinha decidido conscientemente não recitar as Laudes”, justamente porque tinhas a suspeita de que, no fundo, Cristo te tivesse traído, mas muito perspicazmente observas: “Mas esse ‘não’ a Ele era a prova de que tinha nascido em mim a consciência de depender d’Ele”, porque uma pessoa diz não quando já começou uma relação.

Tenho que dizer o “não” a alguém.

Perfeito! E isso é fundamental, porque muitos se teriam irritado com a sua incoerência, tendo visto só o seu “não”, como que a dizer: “Eu, apesar disto, disse não”. Ele, pelo contrário, não se detendo na aparência, foi mais fundo e disse: “Mas o meu ‘não’ é a prova de que já se iniciou uma familiaridade com Ele, e estou consciente disto justamente porque digo não, porque posso dizer não”. Vocês veem que na vida, na experiência que fazemos, tudo serve? E este exemplo dele é impressionante, porque até um “não”, se a pessoa se dá conta, adianta; com efeito, permite-lhe ser ainda mais consciente d’Aquele a quem diz não. Amanhã lhe dirá sim, não se preocupem com isso. A questão é que eu já comecei uma relação, que não me concebo totalmente autónomo, que não me concebo sozinho. Eu comecei a ver a verdade daquilo que dizíamos citando Guccini: “Não sou quando não estás aqui”, quando tu não estás, fico “sozinho com os meus pensamentos” (cf. *Vorrei*, letra e música de F. Guccini). Por que gosto destas expressões? Porque dizem que, precisamente quando nos concebemos em autonomia total e isolados como indivíduos sem relações, a experiência elementar me diz que eu sou mais eu quando tu estás, quando entra na minha vida um tu – um amigo, a pessoa amada, a mãe –; eu sou quando tu estás. Uma pessoa começar a experimentar isto é crucial. Posso ter momentos em que digo não pela minha fragilidade, pela minha estupidez, pela minha teimosia, mas já comecei a ver algo mais interessante do que todos os meus “nãos”: há alguém com quem eu sou mais eu, há alguém que me torna mais eu mesmo, como aconteceu com o filho pródigo: percebeu que havia um lugar, uma relação mais decisiva para viver do que qualquer outra coisa, ou seja, a sua casa e o seu pai; pode ter cometido todas as burrices do mundo, mas não pôde deixar de voltar para casa, para o seu pai. Pensem em São Pedro: podia errar muitas vezes,

mas tinha visto, e, de facto, diz a Jesus: “Onde vou sem ti, Cristo?”. Isto é mais importante do que tudo o resto, incluindo todos os nossos “nãos”. Com o tempo, segundo um desígnio que não é o nosso, segundo um caminho ainda todo por descobrir, graças à paciência infinita que Cristo tem para com cada um de nós, algum dia chegaremos a dizer, também nós, como Pedro – depois de Jesus lhe ter perguntado: “Tu amas-me?”; perguntou-lhe depois de tê-Lo negado diante de todos –: “Não sei como, mas toda a minha ternura é por Ti, Cristo, todo o meu eu está ligado a Ti” (cf. *Jo* 21,15-17). Também em vocês estará a vitória do vínculo com Cristo, estará a vitória da afeição a Cristo. Toda a minha afeição é por Ti, Cristo. Pedro não se assustou com os muitos erros que tinha cometido, porque através de todos eles se ligava cada vez mais a Ele. É isto o que espanta. Por isso já tens a resposta à tua pergunta. “O quotidiano está a esmagar-me, a apatia não me está a deixar viver aquela relação com Ele que se tornou vital para mim”. Pergunto-te: como é que consegues viver sem? Ponto! Então a apatia, o quotidiano que te esmaga oferecem-te a possibilidade de te perguntares: “Mas o que é que eu faço aqui? Por que é que não O procuro?”. É como se Cristo, a partir das vísceras da tua experiência, a partir da apatia que vives, te dissesse: “Não te faço falta? Consegues viver sem mim?”. Responde-lhe! A apatia, paradoxalmente, torna-se o empurrão para a memória d’Ele. Como a saudade, quando falta ele ou falta ela, essa também é ocasião para a memória. A apatia ou o quotidiano tornam-se uma oportunidade para retomar a relação, aquela relação que, no fundo no fundo, nunca se interrompeu.

Neste momento, sinto mais do que nunca a presença de Cristo, e não porque a realidade que me rodeia seja como eu rezei para que fosse, aliás, é justamente o contrário. Obviamente agradeço a Cristo por ter-me dado estes amigos com os quais eu posso ser eu mesma, e por ter-me posto nesta companhia. Sem Ti, Senhor, aonde iria? O facto é que os meus desejos algumas vezes não correspondem ao que Ele gostaria para mim. Há uma realidade dolorosa que foi posta à minha frente, mas que ao mesmo tempo é uma ocasião de crescimento para mim e também é um empurrão para fazer-me abrir cada vez mais os olhos, para procurar aquela felicidade, aquele bem maior que Ele quer para mim. Cada dia tento perceber o que está por detrás desta dor, porque a realidade, juntamente com o meu coração, é a minha maior aliada. Graças ao choque com esta realidade, cada vez mais me dou conta de quanto o meu desejo de felicidade é grande. “Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu”. Abandono-me a Ele, deixando-me transportar pelas Suas mãos, dizendo sim a esta dor. Quando estou com os meus amigos, estou bem; eu sorrio-Lhe e agradeço-Lhe. Sinto que com eles o meu caminho tem outro sabor, doce e simples. Apesar de tudo isto, há momentos em que sinto que aquele coração, no cume da alegria, se esvazia, e a melancolia o assalta. Quando estou em casa, muitas vezes me sinto assim e tendo a fechar-me. Tenho medo de fugir, de não poder ficar diante de Cristo porque, quando volto para casa, descanso, ouço um pouco de música e sinto que me assalta esta melancolia devido à qual eu já não sinto Cristo ao meu lado como O sentia antes.

Não! Não devido à melancolia que tu já não O sentes, porque justamente a melancolia é o modo por meio do qual Ele a está a chamar: “Mas não sentes a minha falta?”.

O facto é que, de qualquer forma, eu sei que Ele está. Eu sei, Ele está sempre ao meu lado, mas sou eu quem fuge.

Está bem. Mas a primeira coisa a fazer é começar a ver com clareza o que é a realidade, começar a olhá-la com um juízo novo. A realidade, qualquer realidade, não só a boa, mas também a dolorosa, pode ser uma ocasião de crescimento, como tu dizias antes, um empurrão para procurar algo diferente. E isto já diz que estamos a começar a olhar para a realidade de forma diferente de como a olhávamos antes, quando a considerávamos só um incómodo, algo a evitar, do qual fugir, pensando que não houvesse nada de bom para nós numa determinada circunstância. É disto que nasce em vocês, tal como nasceu em mim, a descoberta da realidade como aliada. Eu não aprendi isso lendo alguns livros, aprendi como vocês estão a aprender, ou seja, vivendo, vivendo. Quando uma pessoa começa a fazer essa experiência, a realidade torna-se amiga dela, cada aspecto da realidade torna-se amigo. E qualquer pessoa que se introduza nesse caminho torna-se amiga. Por

isso, a pessoa começa a reconhecer que os amigos representam um bem para si. Tu dizes: “Apesar de tudo isto, há momentos em que sinto que aquele coração, no cume da alegria, se esvazia e a melancolia o assalta”. É precisamente o momento, caríssima, da tua relação pessoal com Cristo; de outra forma, se tudo o resto te bastasse, como poderias entrar numa relação única e pessoal, absolutamente “tua” com Cristo? Lembro-me de uma história de Dom Giussani: ele tinha ido a uma festa em que os amigos cumprimentavam uma deles que estava de regresso do estrangeiro, e ele estava todo maravilhado pela beleza da companhia, dos amigos, dos cantos, de toda a amizade que havia naquele momento de festa; mas, a uma certa altura, disse aos presentes: “Se, a um certo ponto, amigos, não vos vem um desejo enorme de dizer o nome d’Ele, tudo isto desaparece” (cf. *L’attrattiva Gesù*, Milão: BUR, 1999, p. 148). Disse isto naquele momento, não porque tudo estivesse mal; tudo estava a correr muito bem: boa companhia, boa amizade, belíssimos os cantos, tudo bom, mas reconhecer que tudo isso não basta diz quem somos nós e de quem somos. Por isso, no momento da maior nostalgia, desencadeia-se verdadeiramente a relação com Ele. A questão é se nós estamos disponíveis a entrar nessa relação em vez de fugir na Internet, no telemóvel, nos amigos, em tudo. No momento culminante, devemos decidir entrar naquela relação única, senão seremos sempre como uma bomba relógio; devemos aceitar que tudo o que nos acontece é a porta para entrar mais na relação com Cristo.

Este ano começou de forma diferente em relação aos anos passados, devido a uma grande dificuldade: no começo, eu pensava que fosse devido ao estudo ou à rotina retomada, ou porque já não estavam os meus colegas mais velhos. Mas dei-me conta de que o problema era muito mais profundo, porque o estudo começou logo a prender-me, e eu ainda continuo a ver os meus amigos mais velhos. Quando fizemos o primeiro Raggio, e a ordem do dia era “A realidade, juntamente como coração, é a nossa grande aliada”, isto deixou-me sem palavras, e não pelo espanto, mas porque eu não tinha nada para dizer, não tinha nenhuma experiência para contar. Enquanto ouvia as intervenções dos meus colegas, crescia em mim um enorme sentido de ressentimento para com eles, porque tinham algo para dizer, e eu não. Vi-me completamente esvaziada e com um rancor por esta companhia, porque me tocava no fundo de mim. Aquilo que mais me perturbou é que, apesar de crescer em mim este ódio por essa companhia, eu não posso deixar de colocar aqui as minhas questões mais profundas. Por que é que, diante de uma coisa que faz crescer em mim este rancor, eu fico tão ligada a ela? Vivendo com os meus amigos, também me dei conta de uma inveja profunda que me assaltava na relação com eles, que aumentava ainda mais esse sentido de ódio; assaltava-me uma inadequação dilacerante, cuja proveniência desconheço; apesar de saber que a realidade pode ser minha aliada, parece-me que não é nem aliada nem inimiga.

Obrigado. É belíssimo o percurso dramático através do qual nós descobrimos as coisas; quanto mais a pessoa segue adiante, mais se dá conta de si mesma. “Tinha começado de forma diferente em relação aos outros anos e pensava que fosse o medo da rotina, mas a questão era muito mais profunda”. Veem? As circunstâncias fazem-nos compreender a profundidade do drama humano, a beleza de que somos feitos. Sem ter vivido esse seu regresso às aulas, poderia ter dado por óbvio o título do primeiro Raggio: “A realidade, juntamente com o coração, é a nossa grande aliada”. Quando, pelo contrário, uma pessoa tem perguntas tão profundas como ela tem, só o ler o título do Raggio já a deixa sem palavras. Que intensidade de viver qualquer coisa! Então começa o drama, que devemos aprender a viver bem, porque diante disso ela sente crescer um ressentimento. Cada um deve decidir, porque a liberdade está sempre em jogo, é sempre chamada em causa. A realidade é um sinal, Dom Giussani sempre nos disse, diante do qual cada um de nós decide. Decide diante de quê? Tu estás diante de um dado: uma pessoa que conta coisas bonitas no Raggio, experiências positivas que viveu, com as quais aprendeu, e oferece-as a ti e a todos os amigos presentes. E isto é um bem, não te insultou, não te ofendeu, colocou diante de ti a experiência de um bem que descobriu, ofereceu-te o contributo da própria experiência, do caminho feito, partilhou contigo a sua vida. Diante deste bem, até mesmo diante de um bem como este, podemos ter duas atitudes: acolhê-lo pelo que é, ou seja, um bem, um desejo de partilhar, um convite a comunicar a tua

experiência (“Contas-me o que descobriste?”), ou então percebê-lo como um juízo sobre nós. No segundo caso, comesas a encolher-te e pensas: “Mas eu não tenho nada para contar”. Disto brota o ressentimento. Mas nem mesmo naquele momento somos deixados sozinhos, porque, seguindo a linha do que contaste, tu perguntas como é que te sentes tão ligada a um lugar que te desperta esse rancor e esse ressentimento, a ponto de pôr ali as tuas perguntas. Parece-nos uma contradição. Pelo contrário, não o é, às vezes as duas coisas coexistem: sentir um rancor e ao mesmo tempo reconhecer que não podemos deixar de voltar ali para pôr as nossas perguntas. Que promessa percebemos neste lugar, se nem mesmo todo o ressentimento, todo o rancor que sentimos podem apagar aquele pressentimento de bem que continua, apesar de tudo, a prevalecer, a tal ponto que volto aqui de novo hoje! A questão é se seguimos livremente o que nos aconteceu naquele lugar, se voltamos àquele lugar a que nos sentimos ligados – no fim é um problema de afeição –, se voltamos lá não obstante nos deixarmos levar pelo ressentimento ou pelo sentimento de inadequação que nos faz dizer: “Eu não sou digna de estar aqui”. Por isso, é maravilhosa, repito, a figura de Pedro: quantas vezes não terá sentido essa inadequação, quantas vezes não terá sentido que não estava à altura da amizade de Jesus, da preferência de Jesus, mas ao mesmo tempo não se conseguia ir embora: “Aonde irei sem Ti, Cristo?”. Toda a minha simpatia é por Ti, Cristo, toda a minha simpatia humana é mais forte que toda a minha inadequação. A minha inadequação não conta nada, porque prevalece esta minha simpatia que é quase visceral, como a de uma criança pela mãe: não pode não se apegar à mãe. É maravilhoso ver como isto cresce em nós. Como vês, a realidade é tudo, menos indiferente, é o que constantemente te desafia a voltar àquele lugar. E quanto mais perguntas a realidade te suscita, faz surgir em ti, tanto mais essas perguntas te impelem a voltar àquele lugar, o único onde as tuas perguntas são levadas a sério. Em que outro sítio são levadas mais a sério as vossas perguntas, do que a forma como o fazemos aqui? Se encontrarem algum, podem ir. Desafio-vos: digam-me se há um lugar, além deste, onde, para serem vocês mesmos, vocês não têm de apagar as vossas perguntas mais humanas, um lugar onde vocês podem abraçar toda a vossa humanidade sem censurar nada da vossa inadequação, da vossa incoerência, do vosso mal. A esta altura, podem perceber por é que, apesar de a vida muitas vezes nos fazer perceber a nossa inadequação, justamente essa inadequação não introduz uma suspeita sobre este lugar, sobre esta companhia, sobre esta amizade, aliás, menos mal que exista e menos mal que não seja preciso estar à altura. Garanto-te que, se fosse preciso estar à altura, não haveria lugar para mim! Este é o lugar precisamente para aqueles que não se sentem adequados, que não se assustam com a inadequação deles, que não precisam de estar à altura para serem aceites. Somos todos companheiros de Pedro, o primeiro que Jesus escolheu não por ser bom, não por ser adequado, mas por ter, como tu, um tecido humano graças ao qual não podia, apesar de tudo, deixar de sentir que toda a sua simpatia humana era por Ele, por Cristo. Sentia-se tão ligado, que nada o fazia separar-se d’Ele.

Caríssimo Julián, quando soube que o título escolhido para a abertura deste novo ano era “A realidade, juntamente com o coração, é a nossa grande aliada”, fiquei profundamente comovida. Nenhuma frase podia ser mais correspondente ao que vivi nestes primeiros dias de escola e, sobretudo, durante o verão. Só se percebe o meu início de ano, com efeito, se repensar nos meus meses de férias: primeiro em Londres e depois na praia, dei por mim a ter que enfrentar uma série de circunstâncias que não só eu não tinha programado, como também nunca teria querido. Tinha a minha ideia de como deveriam ser as férias perfeitas antes do último ano, e, em vez disso, correu tudo ao contrário. Ao princípio sentia o peso insuportável do desgaste e da tristeza, continuava bloqueada em mim mesma e nos problemas, e dizia-me: “Por que é que acontecem estas coisas?”. Depois de alguns dias vividos a sufocar, apresentou-se uma alternativa: ou ficar fechada no meu cantinho do mundo, olhando e voltando a olhar para as coisas que não estavam como eu queria, ou levantar os olhos e aceitar com humilde obediência que elas pudessem ser uma ocasião privilegiada para me tornar grande. Foi um momento decisivo, porque me foi pedido para pôr em ação toda a grandeza da minha liberdade. Com efeito, teria sido muito mais fácil continuar escrava

do meu lamento constante e da contínua medida de mim mesma e dos outros. Depois lembrei-me de quando tu dizias que, para empreender a luta de levar a sério o desejo de ser feliz, é preciso amar-se verdadeiramente. É preciso amar-se, porque eu sabia que as coisas não mudariam e que teria de lutar para ficar livre da aparência delas. Naquele momento era necessário que eu me amasse a mim mesma e ao meu coração, que tão bem sabe o que lhe corresponde e nunca se pode enganar. Sustentada pela amável ternura de muitos amigos, pela minha família e pela beleza dos lugares que vi, decidi levantar o olhar e mantê-lo fixo no essencial, no Aconcágua, como você me disse uma vez. Então descobri-me livre para amar até a dificuldade, para não me perder nas aparências, para não me deter no que as pessoas pensam de mim e no como eu deveria ser. As circunstâncias não mudaram, pelo contrário; com a morte de uma amiga, a dor aumentou, mas era tudo uma graça contínua, porque Deus se serviu delas para extrair de mim, ainda mais realmente, toda a paixão do meu coração. A realidade permitiu que ela se despertasse. Surgiu prepotentemente, de facto, o desejo de estar diante da beleza das coisas que eu via, com olhar profundo e grato, em contemplação silenciosa e maravilhada; o desejo de buscar a pureza e a limpidez nas relações com os amigos, de doar-me totalmente no sacrifício de ajudar em casa. Chegada das férias, estava preocupada, não via muitos amigos havia três meses e não sabia o que esperar de mim. Então Deus decidiu fazer-me perceber definitivamente, com muitos pequenos factos, que Ele é muito mais original e criativo do que eu: o telefonema de um amigo meu, adulto, que me disse que se importa comigo; a redescoberta da amizade com uma colega minha que voltou dos Estados Unidos; a preparação da festa os miúdos do primeiro ano e ver os rostos deles encantados; o voltar a abraçar os amigos e conhecer pessoas novas; são exemplos do abraço paterno com que o ano começou. As matérias na escola revelaram-se extraordinariamente interessantes, cada coisa me causa surpresa. Sei que me espera um ano trabalhoso devido ao estudo e às decisões a tomar, mas, pela primeira vez, não estou assustada, tenho um desejo imenso de viver tudo, de amar tudo, cada pessoa que encontro, mesmo aquelas que vejo no metro e as coisas com que me deparo. Às vezes impressiona-me encontrar em mim mesma este coração tão ardente e vivo, desejoso de caminhar. Há os pequenos sofrimentos quotidianos, sinto que muitas vezes me magoam, mas é através deles que me é indicada a estrada, é através deles que entendo o que realmente desejo. Tudo o que acontecer, será uma graça superabundante que não consigo imaginar.

Obrigado. Tu descreves bem o itinerário diante do qual cada um de nós se encontra. Ao princípio, podias pensar que as circunstâncias fossem um peso insuportável, mas depois de alguns dias colocou-se uma alternativa: viver fechada no teu cantinho ou levantar o olhar e viver aquela situação como uma ocasião privilegiada para te tornares grande. A vida, malta, é vocação. Deus chama-nos através das circunstâncias. E só quem responde às circunstâncias pode começar a descobrir o que Ele, o Mistério que faz todas as coisas e que tem muito mais criatividade do que nós, preparou para nós. Quem pensa já saber, e portanto, acredita que não precisa lançar-se na vida respondendo às circunstâncias através das quais o Mistério nos chama, perde o melhor. Pelo contrário, quando lhes responde, descobre que Deus é muito mais original e criativo do que nós, tudo se torna interessante; e a pessoa já não fica assustada, mas tem um desejo imenso de viver tudo. Isto acontece através das circunstâncias, e a questão mais interessante é descobrir, como ela diz, que “através delas me é indicada a estrada”. A estrada não é algo que já sabemos *a priori*, porque se descobre a vida vivendo. Diz um poeta espanhol: “O caminho faz-se caminhando” (cf. A. Machado, “Proverbios y cantares”, XXIX, em *Campos de Castilla*, 1917), descobre-se o caminho caminhando, descobre-se a estrada caminhando, não está já traçada na nossa cabeça. Por isso, como lhes digo sempre, a vida é só para os audazes, para quem aceita o desafio da provocação constante que nos é dirigida pelas circunstâncias, que muitas vezes são banais, mas é através delas que o Mistério que nos fez nos convoca para nos introduzir cada vez mais na plenitude da vida.

Bom ano, amigos!

Bonfanti. Agradecemos verdadeiramente de todo o coração ao Julián, pela estrada que nos indicou, uma estrada que é para cada um de nós e que eu, nós, queremos percorrer, uma estrada

cujos instrumentos, que nos são dados e que se encontram no folheto de avisos, são para serem levados a sério, cada um no próprio grupo.

Apêndice ***Outras contributos escritos recebidos***

■ Neste verão tive de estudar para os exames. Por isso, passei muitos dias na biblioteca e no metro. Obviamente não tinha vontade nenhuma, já que podia estar na praia ou em algum outro lugar. Numa sexta-feira à tarde, eu estava a regressar de um dia de estudo na biblioteca. Tive que esperar pelo metro quase quinze minutos e isso não me animou muito, porque só queria chegar a casa, atirar-me para a cama e não ter de pensar em mais nada que tivesse que ver com o estudo. Quando finalmente chegou, entrei e sentei-me no último lugar à esquerda. Aquela sexta-feira era um daqueles dias em que, se encontras alguém que não tens vontade de cumprimentar, fazes o possível para não olhar para ele e para não ser olhado; eu sentia-me assim em relação a toda a gente. Tinha a minha música e os meus fones de ouvido, e só pensava em chegar em casa; mas naquele momento aconteceu alguma coisa. Virei um pouco a cabeça e vi uma rapariga grávida que chorava do outro lado da carruagem. Mas não estava a chorar como quando te batem, ou te aconteceu alguma coisa sem muita importância: estava a chorar com dor, com muita dor. E a dor era tanta, que até mesmo eu a notei e me entristeci muito. Naquele momento, tudo se revolveu e pensei em me aproximar. Mas o que é que uma miúda como eu poderia fazer falando com uma pessoa tão triste e que eu nem sequer conhecia? Pareceu-me uma estupidez ir falar com ela ou só mesmo cumprimentá-la, e procurei evitá-lo de todos os modos. Aumentei o volume da música e virei a cabeça. Mas não conseguia, não podia evitar a dor daquela rapariga de um modo tão mesquinho. Não podia fingir que nada aconteceu depois de tê-la visto assim, e então algo me fez levantar-me e, quanto mais me aproximava, mais eu sentia medo e me vinham perguntas. O que ia eu dizer-lhe? O que ia ela dizer-me? O que iria acontecer? E por que estava a aproximar-me dela? Acabei por me sentar perto dela, e só me ocorreu apresentar-me. Disse-lhe o meu nome, que a tinha visto do meu lugar e que algo se tinha movido em mim. Ela disse-me o seu nome, olhou-me e começou a me contar o que lhe acontecia. Eu não podia acreditar. Como era possível que uma rapariga absolutamente desconhecida me contasse a razão por que estava a sofrer assim? Contou-me que estava muito triste e que estava a ir para uma clínica para abortar. Perguntei-lhe por que ia lá e se queria ter a criança. Ela disse que sim, mas que isso implicava muitas dificuldades, e que não conseguia ver-se com uma filha para cuidar, para manter e para viver atrás de si a cada minuto, mas que apesar disso queria tê-la. Então perguntei-lhe por que razão, se queria ter a criança, é que ia à clínica. Olhou-me sem falar e pôs-se outra vez a chorar. Eu vi que ela tinha medo, medo de ser abandonada, humilhada pelas pessoas, maltratada pelo seu namorado por ter querido ter a criança, e medo de outras coisas que poderiam acontecer. Quando por fim se acalmou, disse-me que estava com medo e que não queria perder o seu namorado por causa do que lhe tinha acontecido. Perguntei-lhe se achava que, depois do aborto, ficaria tranquila por ter tirado um peso de cima, ou se iria arrepender-se. Sem vacilar, respondeu-me que se iria arrepender e que já amava a sua filha, que começava a dar-se conta do que é o amor de uma mãe e do sacrifício que está por trás, e que queria a filha mesmo assim. Se estava assim tão segura, por que ia à clínica? Disse-me que, nessa mesma manhã, o namorado lhe tinha telefonado enquanto tomava uma cerveja com os seus amigos e a tinha mandado ir naquela mesma tarde à clínica, porque ele não queria a criança. Naquele momento eu fiquei de rastos. Pensei: como era possível falar disto pelo telefone? Disse-lhe que me parecia terrível, e ela deu-me razão. Falei-lhe também das casas de acolhimento, das pessoas que acolhem, do Movimento... E via que, quanto mais falava, mais ela serenava um bocadinho. Mas continuava a ver aquela dor tão terrível. Naquele momento chegamos a uma estação, e ela levantou-

se e saiu a correr. Mas de repente virou-se voltou a entrar. Olhou-me, abraçou-me e disse-me: “Vou voltar para casa. Não vou à clínica. Dei-me conta de que esta filha que espero é do meu namorado, mas também é minha, e amo-a com toda a minha alma. Obrigada”. E saiu. Eu fiquei em pé sem saber o que fazer. O que tinha acontecido? Quem era aquela rapariga? O que seria dela e da sua filha? Eu continuava a pensar: quem sou eu para mudar a opinião de uma pessoa desconhecida? Quem sou eu para que aquela rapariga me contasse toda a sua história? Que papel tenho eu em tudo isto? Como será que estão agora aquela rapariga e a sua filha? Só uma coisa é clara para mim: isto é um verdadeiro Mistério, algo que não consigo entender, mas a felicidade que sinto agora por tê-la acompanhado naqueles minutos de metro é incrível.

■ Freqüente o quinto ano do Liceu Clássico. Na *Equipe* dos Liceus, de manhã, depois do pequeno-almoço, disseram-nos que haveria o *Angelus* e as Laudes antes do encontro/assembleia. Eu não tinha vontade de ir (desculpem-me se o digo, ma quero ser franca), porque queria começar logo com a assembleia. Mas, no momento em que pensei isto, uma amiga mandou-me uma mensagem dizendo: “Olhos abertos”. Bem, sim! Abri os olhos! Porque me dei conta daquilo que eu tinha diante de mim. Antes de começarmos as Laudes, cantamos *Al mattino*, e o padre interveio dizendo: “O que nos permite recomeçar de manhã? Acordar cada manhã? ‘Que eu te veja, e é isto a manhã’. O mendigar vê-Lo, estar diante do teu desejo. A oração é um mendigar, e o mendigar é constitutivo do homem. Por isso rezamos: para pedir que nos encontre”. Eu senti-me mendicante durante todo o verão, e por esse motivo ele falava diretamente para mim. Aproveitei plenamente as Laudes, porque queria estar atenta às palavras: não queria dizer palavras só por dizer... com efeito, estando com os olhos abertos, entendi que as Laudes são expressão d’“O desejo”, porque cada palavra falava da minha posição de mendicante! Depois dessa experiência, eu e a minha companhia “maltrapilha” exortamo-nos, uma à outra, a estar sempre de “olhos abertos”! A estar diante do que nos acontece e reconhecê-lo. E assim comecei a escola de maneira diferente, mendigando que Ele me encontrasse cada manhã no *Angelus* com os meus amigos. Ficando de olhos abertos com aquela companhia, aproveitei o primeiro dia, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, etc. Todos os dias, em pequenas coisas que me aconteceram: um simples sorriso das minhas amigas; uma intervenção da professora de filosofia sobre a sua posição em relação à teoria de género, contrária à minha, mas que me estimulou a informar-me melhor, para entender melhor; um encontro em que se falou da necessidade do homem; o abraço de uma amiga minha que está a passar por um momento difícil da sua vida... a lista ainda poderia prosseguir. Num dos primeiros dias, tivemos a professora de grego. Pensei comigo mesma: “Ah, agora vai fazer o sermão de sempre sobre o facto de sermos passivos, de não estarmos atentos, etc”. Mas ao mesmo tempo pensei: “Bom, se a realidade é aliada, deve sê-lo também neste momento!”. Assim me coloquei de outro modo. E pouco depois, falando de Eurípedes, a professora disse: “Eurípedes mostra nas suas tragédias que o homem não se faz por si, precisa de algo mais”. Esta frase desconcertou-me, principalmente por ser dita pela professora naquele momento. Aquela aula era, para mim, uma Escola de Comunidade nos bancos da escola, entre pessoas que não são de CL, falando de um autor acusado de ateísmo por muitos dos seus contemporâneos, mesmo sendo “religioso” no sentido em que o entende Dom Giussani. Reconheço, em tudo isto, ter verificado a hipótese da realidade como verdadeira aliada até na escola. A única coisa que peço para este ano que se inicia é que, nesta companhia maltrapilha que são os Liceus, nos ajudemos a manter os olhos abertos, para reconhecermos a nossa aliada!

■ Durante estas férias, descobri a beleza do estar nas coisas simples que me são pedidas. Em particular, trabalhando na vigilância do Meeting, era-me essencialmente pedido para esperar. Esperar o horário para abrir as portas da feira, esperar por pessoas desconhecidas e talvez até

rabugentas, que precisassem da minha ajuda. Não percebia o sentido da espera: estava à espera de quem? Nos primeiros dois dias, fiquei irritada com este trabalho que parecia quase inútil. Pouco a pouco, porém, a espera começava a já não tão hostil para mim. Com o passar dos dias, a companhia dos outros do meu grupo começou a sustentar-me: já não esperávamos meio adormecidos, mas cantávamos; cada pessoa que chegava, nem que fosse só para perguntar onde era a casa de banho, era um grande evento, uma pequena coisa que dava sentido à espera. Depois, no penúltimo dia de trabalho, chegou por acaso para pedir ajuda uma pessoa querida que não via há muito tempo. Com a sua chegada, uma boa parte da minha espera tinha ganhado sentido. Tinha esperado aquela semana toda inconsciente, mas não em vão. Isto não pode senão dar-me confiança naquele Alguém que me doou a espera, sabendo antes de mim o que eu devia esperar.

■ Nasci com uma doença rara que me obrigou a submeter-me a diversas operações às pernas; depois aconteceu o que nunca deveria ter acontecido: o parafuso que me puseram no fémur partiu-se, e com ele o meu fémur. Quando isto aconteceu, obviamente, caiu o mundo em cima de mim, mas depois percebi que cada vez que me operaram, eu saí muito feliz, com a consciência de que tudo o que me acontece é para mim, para o meu bem. Até agradeci a Deus não por uma ideia, mas porque eu vivi isso, experimentei isso, fiz experiência disso. Nesta aventura redescobri os meus colegas de classe e a minha família, a minha casa, os meus avós e todos aqueles que me rodeiam. Além disso, fiquei desconcertada com a enorme quantidade de amigos que rezaram por mim. Isto foi para mim como que um renascimento, porque pouco antes de ser operada eu estava furibunda com Deus, porque não queria me curar; na verdade entendi, compreendi que a cura não pode ser só física, mas também moral, tanto que eu me vejo agradecendo continuamente ao Senhor, porque sem esta minha situação eu não seria aquela que sou. Este verão, entendi que a realidade é uma enorme aliada minha, já que, sem a cilada da realidade (o meu parafuso que se partiu), eu não seria aquela que sou; a realidade permite-me viver ao máximo os meus dias e redescobrir de cada vez que tudo o que me é dado é para o meu bem. Antes de todo este “desastre”, eu era muito apática em relação à minha realidade, à minha vida, eu era uma pessoa que “não conseguia ver as cores da realidade”, estava tudo a preto e branco, mas depois a realidade quis entrar na minha vida de modo prepotente, quis fazer-me entender que ela estava lá, que ela sempre esteve, mas que eu não queria olhar para ela, não a via, reduzia tudo ao que eu queria, para mim o resto não contava, nem sequer valia a pena olhar para isso. Tudo o que me é dado é para mim, mas é como se de todas as vezes eu tivesse que o redescobrir; cada um de nós, creio, precisa sempre de algo que o sacuda de tudo aquilo que o mundo nos propõe e que sempre nos faz esquecer que a realidade é bela para cada um de nós.

■ “A realidade, juntamente com o coração, pode ser tua aliada?”. Esta pergunta foi-me repetida numerosas vezes no último ano, tornando-se rapidamente um ponto que, provavelmente também pela insistência com que me foi lembrada, exigia uma resposta. Devo dizer que inicialmente me vi a responder a essa questão de modo muito cético. Isto porque, neste ano, tive que enfrentar acontecimentos, como o tumor da minha avó, que se impunham deixando-me sem a possibilidade de fazer nada, só com um grande sofrimento perante a minha inutilidade, que aqueles acontecimentos faziam sobressair cada vez mais. No começo deste ano, deparei-me com um momento decisivo que me fez mudar de ideia sobre a minha posição e sobre o meu ceticismo. Fui convidada a participar na *Equipe Nacional dos Liceus em Cervínia*. Partindo de Milão com a intenção de viver aqueles dias para mim, depois de um ano em que eu tinha feito tudo, menos parar e olhar para mim de forma séria, dei por mim perdida ao fim de poucas horas. Com efeito, encontrei uma pessoa com quem tinha cometido várias faltas; isso levou-me imediatamente a perder de vista a

ideia de viver aqueles dias para mim; problemáticas do tipo “como devo comportar-me com ele” distraíram-me. Naquela mesma noite, o Albertino disse-nos: “Lembrem-se de que estão aqui somente por vocês. Vocês têm, em primeiro lugar, que se levar a sério a vocês mesmos. Aquilo que vocês são para os outros é uma superabundância que nasce espontaneamente”. Aquela chamada de atenção para viver aqueles dias para nós mesmos fez a diferença. Em primeiro lugar em Cervínia, contando este facto a alguns amigos meus, vi agradecer-me uma pessoa que me disse: “Tu levaste-te a sério já nesta noite, contando-nos tudo isso, fizeste-me prestar atenção àquelas palavras que tinham sido indiferentes para mim. Se é que te interessa, esta é já uma superabundância que tu me deste”. É inútil dizer o quanto foi grande o meu espanto ao ver o quanto essa superabundância se fez cada vez mais presente quando voltei para Milão, para a minha vida de todos os dias. Começando com uma amiga que, não tendo podido ir a Cervínia, me pediu para lhe contar tudo; pondo de parte alguma falta de vontade inicial, contei-lhe tudo o que me tinha impressionado, entendendo melhor ainda o que tinha vivido. Nasceu um diálogo surpreendente, ao ponto de, no dia seguinte, ela me mandar uma mensagem em que citava uma frase do seu reitor que lhe tinha lembrado uma coisa de que tínhamos falado no dia anterior. Isto não é superabundância? Ou um simples jantar com as colegas de turma em que eu e outra amiga, que também foi a Cervínia, demos por nós a contar, duas horas seguidas, tudo o que nos tinha marcado e como isso nos tinha feito recomeçar em Milão. Aquilo que contamos causou tanto espanto entre eles, que vieram agradecer-nos, e de novo perguntei: “O que é isto, senão um levar-se a sério? O que é esta coisa, senão uma superabundância?”. Percebi que algo se desencadeia inevitavelmente quando começamos a perguntar-nos: “Mas é que é que eu desejo para mim? O que é que este facto desencadeia em mim?”. Isto é um olhar amoroso que a pessoa tem sobre si mesma e que depois se reflete na relação com o amigo, com os pais, etc., ao ponto de tornar a escola, na qual talvez não se encontre muito bem, um lugar no qual poder lançar-se até o fundo. No outro dia, na aula, lemos um texto de Pasolini em que ele escrevia, a dada altura: “É um grito dado para invocar a atenção de alguém / ou o seu socorro; mas também, talvez, para blasfemá-lo. / É um grito que quer dar a saber, / [...] que eu existo, / ou então, que não só existo, / mas que sei. É um grito / em que no fundo da ânsia / se sente algum vil acento de esperança; [...] / De todo o modo, isto é certo: que qualquer coisa / que este meu grito queira significar, / ela está destinada a durar além de todo o possível fim”, e é isto o que contém o levar-se a sério. Dei-me conta de que a realidade como aliada não significa que ela te substitui, simplificando cada coisa, não permitindo que a dor seja um dado importante na tua vida; mas significa, justamente, que ela te faz dar um passo, em primeiro lugar, na seriedade que tu tens em relação a ela, como o mesmo Pasolini afirma.